

A felicidade do adolecer

Clodolina Martins*
Indianara Ramires Machado*
Thaís Dias*
Zuleica da Silva Tiago*

Desenvolvemos o projeto “A felicidade do adolecer: o adolescente conhecendo a si mesmo”¹, na escola Tengatui Marangatu, na aldeia Jaguapirú, que possui 1200 alunos das etnias Kaiowá, Nãndeva e Terena, na educação infantil, do 1º ao 9º anos do ensino fundamental. Nosso público-alvo eram os adolescentes de 13 a 18 anos. Jaguapirú e Bororó são as duas aldeias que formam a reserva de Dourados, em Mato Grosso do Sul. As línguas faladas são Guarani (Nãndeva e Kaiowá) e Aruak (Terena), sendo que a língua predominante é o Guarani, somente alguns Terena falam sua própria língua. As aldeias se localizam a 10 km do centro da cidade de Dourados, com uma população indígena de aproximadamente 13.000 habitantes que vivem em 3.539 hectares de terra. Toda essa aproximação acentuada pela superpopulação facilita a entrada de bebidas alcoólicas e drogas, levando a sérios problemas sociais, sendo a violência um dos problemas mais predominantes.

O nosso interesse em desenvolver um projeto com a população jovem das aldeias foi “automático”, pois há aproximadamente 4.000 jovens indígenas na Reserva de Dourados. Para os não índios e para alguns parentes equivocados da própria aldeia e de outros lugares, fica fácil definir a realidade desses jovens: violentos, suicidas e que não valorizam a cultura indígena. Um dos desafios que nossa equipe de acadêmicas do curso de enfermagem enfrentou foi o não conhecimento da verdadeira realidade desses jovens, visto que, duas de nós, Thaís e Zuleica, acadêmicas Terena, somos de Aquidauana, uma realidade um pouco diferente da de Indianara, que sobrevive há mais de 18 anos na Reserva de Dourados. Eu, Clodolina, da etnia Guarani/Kaiowá, vivo na aldeia Jaguapirú, não sou adolescente, porém, convivo com muitos adolescentes. Acreditamos que alguns

* Acadêmicas indígenas do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).
cmarques2009@hotmail.com;
indianaraa@hotmail.com;
indineterena@hotmail.com;
zuzu-tiago@hotmail.com.

problemas dos jovens terena são semelhantes aos dos jovens Guarani. Daí a importância de primeiro conhecer para depois pensar sobre o assunto. O projeto na aldeia já existia, era coordenado pela professora Érika Kaneta Ferri, porém não havia ainda uma experiência com adolescentes. Nós procuramos ela para participar do projeto, por ser um tema interessante e que sempre nos chamou atenção, também para ter experiência e por curiosidade mesmo de como seria a integração dos jovens “parentes” conforme os temas abordados. Tivemos várias reuniões com a professora sobre como é a convivência dos jovens em geral, sua maneira de vida, além de outros aspectos; observávamos nos olhares das não indígenas a curiosidade de como seria a vida dos jovens indígenas.

Eu, Indianara, da etnia kaiowá, sou mais uma no meio de 4.000 adolescentes, que sobrevivo nesse clima de aldeia-cidade, cidade-aldeia. Somos observados, pressionados, discriminados e criticados, não temos espaço para lutar dentro da nossa própria comunidade e muito menos fora da nossa aldeia, não há um diálogo com os jovens por parte dos mais velhos e vice-versa. Hoje estamos tentando realizar esse “tal diálogo” para assim tentar buscar um espaço, confesso que isso não é fácil. A grande maioria nos questiona, já presenciei muitas frases assim: “é culpa deles, são eles que fumam, eles que bebem, eles que ouvem som alto etc”. Somos o problema das nossas aldeias? Claro que não. Acredito que muitos não pensam porque os adolescentes fazem isso, só pensam que eles fazem já os condenando. Agora, questiono eu, tem opção de emprego para essa juventude? Tem algum tipo de lazer, moradia adequada, educação de qualidade etc? Não somos os vilões nem os mocinhos, somos nós mesmos que necessitamos de um olhar com cuidado por parte de quem nos julga e, o principal, o respeito de ambos os lados. Há também falas de que estamos assim porque “perdemos a cultura”. Deixamos de ser povos originários? Não perdemos, apenas a transformamos, a cultura é dinâmica, adequamos à nossa realidade. A minha avó uma vez me disse, “quando ocorre a primeira menstruação a menina já está pronta para casar, e casa mesmo, 11, 12 anos já tá grávida”, depois ela completou dizendo que isso era normal. Ela diz também para mim que “na sua idade já era pra ter uns 3 filhos”. Perdi o que era cultural? Não, transformei para minha realidade. Hoje os pais querem seus filhos na escola, na primeira menstruação a menina não se casa, apenas namora, as adolescentes casam com 16, 17 anos ou talvez bem mais tarde, claro levando em conta as exceções. Os meninos não têm mais o *tembegwá*, a passagem do menino para homem na etnia kaiowá, eles agora vão trabalhar para dizer que não são meninos e sim homens. Antes quando a jovem

engravidava aos 11 anos não era questionada, hoje ela é apontada como irresponsável, ainda mais se for mãe solteira.

Para mim, Zuleica, entre os Terena antes não existia a fase da adolescência, quando a menina tinha sua primeira menstruação era já vista como mulher a ter filhos. Hoje é totalmente diferente, os adolescentes já estudam e procuram ter um futuro melhor através dos estudos. Mas há famílias que ainda preservam a maneira tradicional de viver e impõem o casamento ao ver que seus filhos estão na fase de adolescência e estão namorando. Os jovens de hoje costumam namorar a partir de 13 anos, às vezes eles se casam nessa idade, pois não se preveniram, a menina estando grávida muitas vezes o rapaz é forçado pela família de ambos a se casarem. Na aldeia há problemas de drogas e bebidas alcoólicas entre os jovens, isso cada vez está aumentando o número de casos, com isso eles deixam de estudar para se entregar totalmente ao vício. Alguns jovens com Ensino Médio completo ou evangélicos têm a mente mais aberta em relação aos vícios, por isso eles se revoltam ao saber, por exemplo, que tem um vizinho viciado em drogas e não há nada a fazer.

No início do projeto, visitamos a escola para acompanhar e conhecer a realidade dos alunos, conversando com alguns deles e com os professores levantamos algumas temáticas para que pudessem ser discutidas, visando à necessidade de elencar temas que respondessem as suas necessidades.

Realizamos uma dinâmica em que cada aluno colocou suas dúvidas, após isso verificamos quais eram as dúvidas mais frequentes: a origem do nascimento, a sexualidade, a puberdade (características sexuais secundárias), e gravidez na adolescência.

Com isso pensamos em alguns temas tais como: *o adolescente e suas escolhas, gravidez na adolescência, prevenção de DST/AIDS, métodos contraceptivos, conversando sobre as tristezas, bullying², curtindo meu corpo conversando sobre beleza e idealização da beleza, pressão grupal, virgindade, um assunto delicado.*

Esses foram os temas escolhidos por nós, com a preocupação que nos era imposta sobre como atingir realmente esses jovens. Sendo assim, pensamos em complementar o conteúdo com dinâmicas, retiradas do Manual do Multiplicador do Ministério da Saúde³.

Ao aplicar o primeiro tema – o adolescente e suas escolhas – observamos que houve uma resistência em relação à participação dos alunos, poucos questionavam, houve um tipo de silêncio. Isso nos levou a repensar nossas dinâmicas, então optamos com uma outra tentativa realizarmos

oficinas e rodas de discussões. O resultado foi de uma melhor aceitação e um tipo de cumplicidade.

A cada semana melhoravam as participações e a interação, no entanto, alguns alunos tinham dificuldade em participar, devido a suas características, tais como a timidez. Na sala de meninos e meninas percebemos que os meninos eram os que questionavam com maior frequência, em geral quando perguntavam ou faziam pareceres, mas nunca se comprometiam e sempre diziam “meu amigo falou”, “eu ouvi falar” etc. Já as meninas eram diretas quando perguntavam e sempre se posicionavam como as autoras das perguntas.

Alguns temas polêmicos como a sexualidade, a puberdade e o *bullying* foram mais trabalhados pelo fato de ser um tipo de “tabu” que gera uma imensa curiosidade.

Quando apresentamos o filme *Juno*⁴, houve um debate intenso, os alunos nos surpreenderam com seus pareceres sobre a gravidez precoce. Assim, a cada semana era um prazer estar levando aos “parentes”⁵ o aprendizado do dia-a-dia da faculdade e em troca eles nos ensinando com seu jeito adolescente de ser.

Para nós, acadêmicas indígenas, não houve dificuldade em relação aos temas, porém somente na transmissão, na preocupação de abordá-los de forma clara e simples para o conhecimento dos alunos. A área da saúde é muito abrangente, nos interessamos pelo curso de Enfermagem para ajudar nossos “parentes” e não índios. Com esse projeto obtivemos mais experiência em trabalhar com os adolescentes, assim também contribuindo com o nosso povo, apesar de ainda estarmos na academia.

Os conhecimentos quanto aos temas muitas vezes não eram tratados em casa nem na escola devido a uma resistência cultural que ainda ocorre, por isso chamamos de um tipo de “tabu”, por falta de diálogo com os pais e muitas vezes pela falta de conhecimento por parte dos próprios pais.

Ter levado esses assuntos polêmicos até os jovens provavelmente tenha sido criticado tanto pelos pais quanto pelos professores. Isso deixou a nossa situação mais delicada, como nós indígenas poderíamos tratar de assuntos que os nossos pais não gostavam? Mas como não conversar sobre isso? A pressão foi imensa, no entanto, achávamos que a importância do conhecimento sobre o adolescer tinha que ser passada e compreendida. De que forma passar esse conhecimento foi o nosso questionamento durante todas as oficinas. Como entender *bullying* na escola indígena? Virgindade? Curiosidades fisiológicas? É fato que devem estranhar, mas

os alunos nos provaram que esses assuntos eram necessários. Muitas curiosidades passavam sem explicação, tais como, os adolescentes querendo saber por que as mudanças corporais de ambos os sexos ocorriam, as adolescentes querendo saber sobre a primeira menstruação, além do questionamento de como prevenir DST/AIDS, gravidez, entre outros.

Esse aprendizado adquirido durante a aplicação do projeto no ano de 2009 para os alunos de 6^a a 9^a séries, contribuiu para termos uma visão da situação atual. Segundo nossos avós indígenas, esses temas não eram tratados da forma como estão sendo tratados nas escolas ou em outros locais, mas eles acreditam que para os jovens de hoje essa é a maneira como devemos tratar assuntos polêmicos que podem contribuir para um futuro melhor para os adolescentes. É importante para nós, jovens e futuras profissionais, conhecer a realidade do nosso povo, para assim nos ajudarmos e ajudá-los, também é relevante respeitar as visões das situações de como eram os adolescentes e de como está sendo hoje. Buscar conhecer o passado e ajudar na atualidade talvez seja uma das nossas missões.

Notas

¹ Esse projeto foi desenvolvido por acadêmicas do curso de enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Nós, autoras deste relato, das etnias Nāndeva, Kaiowá e Terena, com Biata Barbosa dos Santos e Ivone de Souza, não indígenas, sob orientação da Professora Mestre Érika Kaneta Ferri, nos meses de maio a outubro de 2009, quartas-feiras das 14h às 16h.

² O *bullying* é um comportamento que se caracteriza pela ameaça ou agressão (psicológica ou verbal) de forma intencional e repetida e que ocorre sem motivação evidente. Este comportamento é praticado por um sujeito (designado de *bully* - valentão) ou por um grupo de sujeitos, com o objectivo de intimidar ou agredir outro sujeito ou grupo de sujeitos. Fonte: <http://juventude.gov.pt/Portal/SaudeSexualidadeJuvenil/TemaMes/98_bullying.htm>.

³ Brasil. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids **Manual do multiplicador: adolescente** / Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

⁴ *Juno* é um filme canadense-americano de 2007, dirigido por Jason Reitman e escrito pela iniciante Diablo Cody.

⁵ Termo utilizado por indígenas para designar alguém etnicamente próximo. Ex.: Pataxó diz ao Xavante "Oi parente". Parente pelo fato de reconhecer como pertencente ao povo indígena.

Recebido em 16 de janeiro de 2010.

Aprovado para publicação em 8 de fevereiro de 2010.

